

A REALIZAÇÃO DA LATERAL /L/ EM FINAL DE SÍLABA EM ACABA VIDA E FAZ TUDO

Hosamis Ramos de PÁDUA¹ (CEFETRV)

RESUMO: Este artigo busca demonstrar através da análise das variantes sincrônicas do fonema lateral /l/ que tanto as variantes como seu fonema têm uma identidade histórica que pode ser conhecida através do estudo de sua diacronia. Para este estudo, tomou-se como parâmetro a linguagem escrita de textos em latim e português arcaico, tendo como ponto de partida os dados de entrevistas, gravadas em 1998, com moradores do distrito de Faz Tudo e de sua região rural, Acaba Vida, no município de Niquelândia, Estado de Goiás (para mais detalhes, ver Pádua (2002)).

ABSTRACT: This work aims demonstrate, through the analysis of synchronical variants of *lateral* phoneme /l/, that both variants and its phoneme have a historical identity that can be knowed through the study of its dyachrony. For this study, I reserched the written texts of Latin and Archaic Portuguese and I assumed as starting point the data of interviews, recorded in 1998, with country inhabitants from Acaba Vida and Faz Tudo, in Niquelândia, Goiás (For additional details, see Pádua (2002)).

1. Introdução

Para compreender a língua hoje, é necessário conhecer seu passado – como é usada e transformada no cotidiano de uma comunidade de fala. Assim, o suporte teórico para este estudo provém da Linguística Histórica, sendo adotados principalmente os pressupostos de Camara Jr (1979, 1985 e 1992), Coutinho (1976), Huber (1986), Ilari (1992), Mattos e Silva (1991), Silva Neto (1957) e Tarallo (1990).

Como parâmetro de comparação aos dados de fala sob análise na presente discussão, foram coletados itens lexicais em estudos, dicionários e gramáticas do latim, em suas modalidades clássica e vulgar, com base em: Grandgent (1952), Ilari (1992), Maurer Junior (1959), Silva Neto (1957), Almeida (1990), Comba (1990), Faria (1970), Cunha (1999), e Torrinha (1942); em análises das línguas neolatinas com especial atenção para o português, em seu período arcaico, fundamentado em: Coutinho (1976), Huber (1986) e Teyssier (1990); sendo que os dados de textos arcaicos foram retirados basicamente de Huber (1986) e Nunes (1981).

Neste estudo destaca-se a importância da assimilação, que é um processo fonológico que acrescenta ou muda especificações de traços, para a sua conservação. Com a assimilação, como veremos no estudo das variantes da lateral /l/, traços do passado sempre se conservam e tal conservação não está desconexa, ela tem uma diretriz. Chegamos, portanto, ao importante conceito de deriva linguística, essencial para a realização deste estudo.

Segundo Câmara Jr. (1979), as mudanças linguísticas “têm uma diretriz: há sempre um rumo definido que as vai encadeando, isto é, elas não se verificam ao acaso nem são desconexas; há um sentido, uma corrente nas mudanças.” E vamos adotar este conceito para a variação, afirmando que a variação tem também sua deriva que pode ser rastreada pelas marcas de traços que se conservam.

A seguir, será exposta uma breve contextualização das comunidades de fala.

¹hpadua@cefetrv.edu.br / hosamisp@yahoo.com.br

2. As comunidades de fala: Acaba Vida e Faz Tudo

A região escolhida para este estudo compreende dois espaços diferentes: Faz Tudo² é um povoado e Acaba Vida é uma região de fazendas³. Estes dois espaços, que são habitados por famílias vindas de Minas Gerais na década de 70, especialmente da zona rural do município de Governador Valadares⁴, localizam-se no município de Niquelândia-Goiás. Este município encontra-se projetado fisicamente ao norte do Estado distanciando-se 300 km da capital Goiânia. Fazem fronteira com Niquelândia: Água Fria, Barro Alto, Campinaçu, Colinas de Goiás, Mimoso de Goiás, Minaçu, Santa Rita do Novo Destino, São João da Aliança, Uruaçu, Vila Propício.

As diferenças entre estes dois espaços podem ser assim caracterizadas:

- Diferenças geográficas:
 - Faz Tudo é um povoado que possui estradas não pavimentadas – excluindo-se a rua principal que foi asfaltada em 1999 pela ocasião da pavimentação parcial da GO 414; há divisões das casas em quadras irregulares; constituiu-se ao lado da GO 414.
 - Acaba Vida é um espaço estritamente rural. Trata-se de uma região formada por serras, mata de cerrado, pequenas plantações. É dividido em pequenas fazendas e chácaras com plantações e criações de animais e aves para subsistência. Não há estradas, mas trilhas nas quais percorrem homens e animais.
- Diferenças numéricas:
 - No Censo Demográfico de 1991, o povoado Faz Tudo contava com um número total de 2.351 pessoas. Desse número, a população urbana era composta por 487 pessoas e população rural composta por 1864 pessoas. Em relação à população rural, o Censo se refere a uma extensa região, englobando, entre outras, a região de Acaba Vidinha, Acaba Vida e Acaba Vidão.
- Diferenças sócio-econômicas: tanto em um como em outro espaço há diferenças significativas, mas em Acaba Vida as diferenças são mais simbólicas. Por exemplo:
 - Em Acaba Vida há algumas poucas famílias que optaram por duas mudanças: o fogão a gás, como mais uma opção para cozinhar alimentos além do fogão à lenha; e o telhado de amianto, colocado ao lado das telhas de madeira. Ambas as opções de mudança simbolizam a diferença econômica e social em Acaba Vida, pois dão um certo *status* aos seus proprietários em relação aos que não possuem esses bens materiais. Os símbolos “fogão a gás” e “telhado de amianto”, por outro lado, dão a entender ao observador que o desenvolvimento econômico está chegando ao local, particularmente a algumas famílias. Estas são extensão ou têm extensão com famílias que estão em melhor situação financeira em Faz Tudo: ou os filhos ou os pais possuem casa e moram neste povoado;
 - As famílias que possuem casa em Faz Tudo e fazenda em Acaba Vida, apesar das muitas dificuldades encontradas em produzir, encontram-se em uma situação econômica melhor em relação às outras que apenas possuem casa ou moram em Faz Tudo. As diferenças sociais e econômicas são mais visíveis em Faz Tudo. No povoado, se não há papel moeda, não há como se alimentar, vestir, construir, estudar, viajar. Por isso, a imagem das diferenças é mais visível. Essa imagem é claramente perceptível na construção das habitações, nos móveis, no vestuário. Diante disso, Faz Tudo e Acaba Vida constituem amostras diferenciadas de dados.

Em seguida será feita a análise dos dados com o estudo das variantes do fonema sob enfoque: /l/.

3. As variantes do fonema lateral /l/ na fala de Acaba Vida e Faz Tudo

Antes de iniciar a descrição e análise dos dados, será exposto, em seguida, um histórico da pronúncia, partição silábica das geminadas e variação de *l* em latim. Essa exposição é necessária e interessante para a compreensão da variação como parte de um sistema historicamente definido. Sistema este que se mostra sutilmente através da variação, conservação e mudança lingüística.

² Esse povoado é denominado “Faz Tudo” pela população ali residente, mas geograficamente é reconhecido pelo nome “Taveira” ou “Taveiras”. Preferiu-se, nesse trabalho, utilizar o nome reconhecido popularmente: “Faz Tudo”.

³ Pelos relatos da população (cf. p.11), a região de Acaba Vida foi também frequentada pelos sertanistas bandeirantes.

⁴ O histórico de Governador Valadares indica que as primeiras notícias do local onde este município se formou foram dadas por duas expedições partidas do litoral: a de Sebastião Fernandes Tourinho em 1573 que buscava ouro e pedras preciosas, e a de Marcos de Azeredo em 1612 com a missão de proteger o povoado que tinha ali se formado (cf. Enciclopedia dos Municípios Brasileiros, 1959.156).

3.1 A pronúncia de *l* em latim

Para explicar a pronúncia de *l* no período clássico latino, Faria (1970.92-4) e Grandgent (1952.186) se apoiam em duas referências feitas por gramáticos latinos. A primeira é a do gramático Consêncio que indica dois valores ao *l* (cf. Faria, 1970.93): velar quando em fim de sílaba e de palavra, palatal quando geminado ou inicial de sílaba ou de palavra. A segunda é a de Prisciano, citando Plínio (este anterior a Consêncio) que indica três valores ao *l* (cf. Faria, 1970.93): tênuê (tendendo a palatalizar-se) quando geminado – o segundo *l* –, cheio (velar) quando em fim de sílaba ou de palavra, médio em outras posições. Maurer Junior (1959) corrobora a hipótese de Consêncio. Embora Faria⁵ (1970.92) e Maurer Junior (1959.54) concordem com a afirmação de Consêncio, será interessante citar a passagem de Prisciano (In: Faria, 1970.93):

O *l*, como parece a Plínio, tem um tríplice som: tênuê⁶, quando geminado (o segundo *l*), como *ille*, *Metellus*; cheio⁷, quando final de palavra ou de sílaba, ou quando na mesma sílaba venha precedido de uma consoante, como em *sol*, *silua*, *flauus*, *clarus*; médio⁸ nas outras posições como em *lectum*, *lectus*.

Nas duas citações, há o problema da nomenclatura utilizada pelos dois gramáticos latinos. Consêncio indica os valores de *l* relacionado ao ponto de articulação: velar e palatal; já Prisciano utiliza outra nomenclatura: tênuê, médio e cheio. Nesse último caso, não é possível determinar com segurança o valor de *l* porque não se sabe se o gramático se refere ao ponto de articulação, ou ao modo de articulação, ou ao papel das cordas vocais, etc.. Mas, Saussure (1995) e Robins (1979) oferecem algumas pistas.

Em relação às consoantes oclusivas, Saussure (p.45) afirma que os gramáticos gregos designavam as sonoras (*b*, *d*, *g*) como “médias” e as surdas (*p*, *t*, *k*) como *psiláí*, termo esse que foi traduzido como “*tenues*” pelos latinos.

Então, em relação às oclusivas:

- tênuês = surdas;
- médias = sonoras.

O gramático latino Prisciano, segundo Robins (p.44), utiliza termos traduzidos do grego. Os termos “médio” e “tênuê” foram formulados pelo gramático grego Dionísio de Trácia que, segundo Robins (p.26), misteriosamente identificou os sons sonoros pela denominação *mésa* que foi traduzido para o latim por *mediae*. Já o termo grego *psilá* – traduzido como *tenues* para o latim – significava “desguarnecido”.

Completando as informações:

- tênuês = surdas, desguarnecidas;
- médias = sonoras, guarnecidas.

Mas há ainda o termo “cheio”. Neste caso, foi necessário recorrer ao dicionário onde traduziu-se também os outros dois já comentados.

Os três termos em latim são assim traduzidos para o português (cf. Torrinha, 1942):

- *exilem*: fraco, tênuê, curto (p.310)
- *medium*: que está no meio, intermediário (p.509)
- *plenum*: cheio, forte, longo (p.653)

Completando ainda mais as informações:

- tênuês = surdas, desguarnecidas, curtas, fracas;
- médias = sonoras, guarnecidas, intermediárias;
- cheias = longas, fortes.

Ao juntar todos esses indícios, a pronúncia de *l* latino fica caracterizada da seguinte forma:

- em início de sílaba (o segundo *l* da geminada): palatal, surdo, fraco;
- em fim de sílaba e de palavra (incluindo o primeiro *l* da geminada): velar, forte;
- em início de palavra: palatal, sonoro.

⁵ Para Faria (1970.94), os gramáticos Plínio e Consêncio não se opõem, mas se complementam. O que ocorre é que o outro é mais metódico que este em sua descrição.

⁶ No texto em latim: *exilem*.

⁷ No texto em latim: *plenum*.

⁸ No texto em latim: *medium*.

3.2 A variação de *l* em latim

Para explicar a variação sincrônica de /l/ em final de sílaba será proposta uma hipótese para explicar também sua diacronia. Será necessário fazer algumas considerações sobre a estrutura e a partição silábica das geminadas.

Nos seguintes exemplos fornecidos por Almeida (1990), Comba (1990) e Grandgent (1952), observa-se que as geminadas estão separadas:

- *stel – la* (In: Comba, p. 27)
- *bel – lum* (In: Almeida, p. 199)
- *sic – cus* (In: Grandgent, p. 103)
- *mit – to* (In: Grandgent, p. 103)

Nesses exemplos em latim clássico, Almeida (1990:199) faz um comentário afirmando que na partição silábica de consoantes geminadas a primeira consoante pertence à primeira sílaba, e a segunda consoante à sílaba seguinte. Essa é uma importante informação porque, em relação ao *l*, o primeiro se encontra em ambiente de final de sílaba. Esse fato pode lhe fornecer características articulatórias de uma velar, o que pode aproximá-lo também de um *r*. É o que parece ocorrer no seguinte exemplo do *Appendix probi* (In: Silva Neto, 1957:222-225) a seguir:

- 94 *suppellex non superlex*

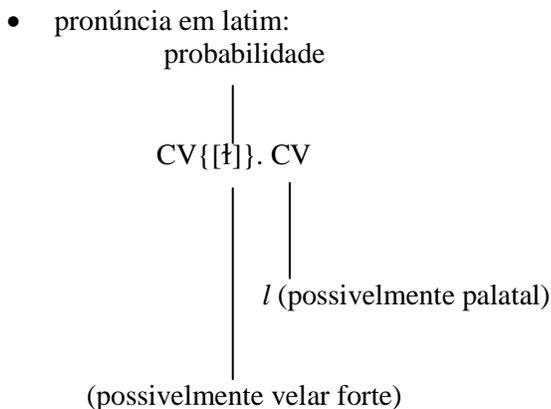
Em relação à pronúncia desse *l* em final de sílaba, Camara Jr. (1992:23) reforça a tese sobre o exemplo anterior retirado do *Appendix probi* ao fazer um comentário histórico sobre a raiz da palavra *stella*. Afirma que a raiz originária de *stella* é *ster*. Essa afirmação é mais um indício de velarização do primeiro *l* da geminada devido a aproximação articulatória entre “l” velar e esse “r” latino “vulgar”.

Amaral (1982:47-8) e, principalmente, Head (1987:7-8) destacam na descrição de “r”, denominado “caipira” ou denominado “retroflexo”, seu caráter não vibrante. Head (1987) afirma que essa característica velariza o “r” deixando-o bem mais próximo ao “l” velar.

Em relação à pronúncia, em latim, da lateral velar em fim de sílaba, há indícios em inscrições antigas (Silva Neto, 1957) que comprovam a pronúncia de lateral no mesmo ambiente em início de sílaba: *facultatem* > *faculetatem* (cf. Silva Neto, 1957:103). Isso significa que para a compreensão do sistema lingüístico, é importante pensá-lo em termos de variação e complexidade porque ao lado de formas padronizadas, por isso aceitas e registradas, haverá outras. O sistema é dinâmico e não se prende ao papel. Sempre está variando.

Em textos do português arcaico também há variação (cf. Mattos e Silva, 1991). Será indício de variação apenas na escrita? A resposta para esse questionamento está na estrutura dos dados analisados: a variação na escrita é um forte indício de espelhamento da variação na fala.

Após essas colocações, é possível formular a seguinte hipótese para a compreensão da ampla variação de *l* em fim de sílaba e de palavra, conforme indica o esquema abaixo:



Há indícios de que, em latim, um contóide lateral velar sonoro antes de CV – em que C é outra lateral, possivelmente palatal surda, – tenha se conservado em um dialeto paralelo na România, mas que talvez não foi

descrito por ser uma realização estigmatizada. Esse contóide velar em final de sílaba é o possível antecedente das variantes faladas em Niquelândia, as quais serão descritas e analisadas a seguir.

3.3 Variantes do fonema lateral /l/ em final de sílaba na comunidade de Acaba Vida e Faz Tudo

Nos dados sob análise, as variantes da lateral /l/ apresentam a seguinte descrição:

Quadro 3: Fonema lateral /l/: ambiente em fim de sílaba

Variantes ⁹	Fonema	Grafema	Latim	Português Arcaico
a) [eɾ'turẽ] ['aɾt̥ẽ] ['awɾu]	/al'tura/ /'alta/ /'alto/	<altura> <alta> <alto>	<i>altus</i> > <i>altura</i>	* <i>altura</i> (CA. p.328) ¹⁰
b) [eɾ'gũ] [ew'gũmẽ]	/al'guN/ /al'guma/	<algum> <alguma>	<i>alicunus</i>	* <i>alghuus</i> (CA. p.138) ¹¹
c) [teɾ'vejs] [teɾ'vejs] [taw'vejz]	/tal'ves/	<talvez>	<i>tale</i>	* <i>tal</i> (CA. p.144) / * <i>tall</i> (CA. p. 26) ¹²
d) [voɾ'to] [vow'to]	/vol'tou/	<voltou>	<i>volvere</i> <i>volvitare</i>	* <i>volveo</i> (CA. p.33) {*} ¹³
e) [dʲɪfɪqʉɾ'dadʲɪ] [dʲɪfɪqʉɾ'dadʲɪ]	/difikul'dade/	<dificuldade>	<i>difficile</i> (dis+facilis) > <i>difficultas, atis</i>	{*}
f) [ʒeɾaw'mẽtʲɪ]	/ʒeɾal'mẽNte/	<geralmente>	<i>generale</i>	* <i>geeral</i> (CA. p.115; GPA. p.80) ¹⁴
g) [qõ'suɾt̥ẽ]	/koN'sulta/	<consulta>	<i>consulere</i> > <i>consultare</i>	{*}
h) [dʲɪskeɾ'qʉɾ'ladʲu]	/deskalku'lado/	<descalculado>	<i>calculo</i>	{*}
i) [ospɾ'taw] [ospɾ'tal] [spj'talɪ] [spɾ'tal]	/ospɪ'tal/	<hospital>	<i>hospitale</i>	{*}
j) [e'bril]	/a'bril/	<abril>	<i>aprile</i>	{*}
k) [ɾ'gwalɪ]	/i'gual/	<igual>	<i>aequale</i>	* <i>igal</i> (CA. p. 78)
l) [çe'aw] [çɾ'alɪ]	/xe'al/	<real>	<i>reale</i>	{*}

Fonte: Pádua (2002)

⁹ Variantes do fonema /l/ descritas na fala das comunidades de Acaba Vida e Faz Tudo.

¹⁰ * : identificação de palavra em português arcaico.

¹¹ C.A: *Crestomatia Arcaica* (Nunes, 1981)

¹² Em português arcaico “tal”/ “tall” significa “a fim de que”, “para que”; já “tal + vez” em 1813 significa “dúvida”. Cf. Cunha, 1999.750).

¹³ {*}: equivalente em português arcaico não encontrado.

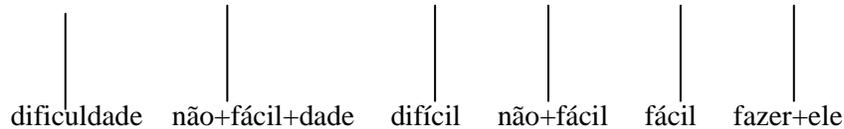
¹⁴ GPA : *Gramática do Português Antigo* (Huber, 1986).

Observa-se o seguinte comportamento dos segmentos: há co-ocorrência entre o flepe retroflexo [ɽ], a semivogal velar [w] e a lateral dental [l] quando há ensurdecimento de vocóide anterior alto [ɪ]. Essas variantes ocorrem tanto em sílabas átonas como em sílabas tônicas. Ocorre aí o processo de assimilação, pois, além do ambiente de final de sílaba ser propício para este processo fonológico, são sons foneticamente semelhantes e essas semelhanças contribuem para a variação sincrônica.

No quadro anteriormente apresentado, a maior ou menor variabilidade depende do ambiente silábico em que se encontra o fonema.

O exemplo (e) merece uma consideração especial para análise. Foi esse dado, tanto na sincronia como na diacronia, que inspirou esse estudo. Na sílaba *cul* – CVC – *l* é uma consoante lateral velar que está localizada em uma zona fronteira de dois segmentos significativos. Vejamos o histórico morfológico desse segmento:

- “dificuldade” < *difficultatis* (*dis+facilis+atis*) < *difficilis* (*dis+facilis*) < *facilis* (*fac+illis*)

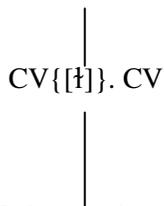


Vemos, então, que a forma original de “dificuldade” é < *facilis*. *Facilis* originou “facilidade”, que conservou o traço [l]. Na passagem para *difficilis* o traço ainda se conservou, mas não na passagem para *difficulter* – *atis*. Mas, pode-se afirmar que, de acordo com os dados observados, possivelmente existiu em alguma variedade latina a forma [l̥] para *difficultatis* podendo ocorrer como **difficultatis*.

É provável que a articulação de [l̥] em “difuculidadí”, assim como em “tali”, “abrilí”, “ospitalí” na variedade estudada em Niquelândia - bem como em outras variedades estudadas no Estado de Goiás¹⁵ - seja uma conservação da possível variedade latina, apontando para a deriva lingüística do fenômeno sob estudo conforme esquematizado a seguir:

Esquema da deriva lingüística do fonema lateral /l/ em fim de sílaba

Diacronia: probabilidade (*l* velar latino)



Sincronia: O fonema lateral /l/ pode ocorrer como:

- lateral dental [l̥] (quando há ensurdecimento do vocóide anterior alto [ɪ])
- flepe retroflexo [ɽ]
- glides: [w]

4. Considerações finais

O estudo das variantes do fonema lateral possibilitou a identificação histórica de um possível “fonema-origem”. No caso aqui pesquisado, o fonema-origem é o *l* velar forte latino (final de sílaba).

Pelo estudo diacrônico do fonema /l/ na fala da comunidade de Acaba Vida e Faz Tudo, chegamos às seguintes pistas históricas:

- 1- pode tratar-se de traço fonológico de períodos mais antigos da língua portuguesa e, inclusive, do latim;
- 2- pode tratar-se de um estágio mais adiantado da deriva da língua portuguesa no que se refere à realização do fonema lateral /l/ em final de sílaba.

¹⁵ Verificar Vilefort (1985.42, 47, 51) e Ziller (1982.123, 135, 141).

Compreendemos o conjunto de variantes que nos levou a este / como um patrimônio lingüístico-histórico que conserva em seus traços resíduos do passado.

Os sons da fala não se perdem totalmente com o passar do tempo. Mesmo que haja mudança, algo fica, algo de muito antigo permanece nos sons que falamos na atualidade. A língua materna não se resume apenas nos sons que foram apreendidos na infância. A língua é a soma de sons falados há tempos bem remotos. Trata-se do único patrimônio histórico humano que permanece e no qual tem-se contato através da dinamicidade de seus traços que se tornam perceptíveis com os estudos dos rumos que os vão encadeando, tanto pelo equilíbrio instável de dentro do sistema (Saussure, 1995) como pelo estudo da língua relacionada à cultura.

5. Referências bibliográficas

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina**: curso único e completo. 23ed. São Paulo: Saraiva, 1990.
AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira**. 4ed. São Paulo: Hucitec/INL-MEC, 1982.

CAMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

_____. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

_____. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 21ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

COMBA, P. Júlio. **Programa de Latim**. 1º volume: Introdução à Língua Latina. 9ed. São Paulo: Salesiana, 1990.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 7ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. 2ed., 11imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FARIA, Ernesto. **Fonética Histórica do Latim**. 2ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1970.

GRANDGENT, C.H. **Introduccion al Latin Vulgar**. 2ed. Madrid: Revista de Filologia Española, 1952.

HEAD, Brian F. Propriedades fonéticas e generalidades de processos fonológicos: o caso do “r” caipira. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**. Campinas, n. 13, 1987.

HUBER, Joseph. **Gramática do Português Antigo**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1986. Tradução do original alemão: **Altportugiesisches Elementarbuch**. Copyprint: 1933.

ILARI, Rodolfo. **Lingüística Românica**. São Paulo: Ática, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Censo Demográfico – 1991: resultado do universo relativo às características da população e dos domicílios. n.27, Goiás.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia. **O Português Arcaico**: fonologia. São Paulo/Bahia: Contexto, 1991.

MAURER JUNIOR, Theodoro Henrique. **Gramática do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

NUNES, José Joaquim. **Crestomatia Arcaica**: excertos da literatura portuguesa desde o que mais antigo se conhece até ao século XVI. 8ed. Lisboa: Clássica, 1981.

PADUA, Hosamis Ramos de. **Lingüística e história em Acaba Vida**. Brasília: Ministério da Integração Nacional : Universidade Federal de Goiás, 2002.

- ROBINS, R. H. **Pequena História da Lingüística**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S.A., 1979.
- SILVA NETO, Serafim da. **História do Latim Vulgar**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1957.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Lingüística Geral**. 20ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- TARALLO, Fernando. **Tempos Lingüísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. São Paulo: Ática, 1990.
- TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1990.
- TORRINHA, Francisco. **Dicionário Latino Português**. Porto: Gráficos Reunidos, 1942.
- VILEFORT, Mariza T. Costa. **Aspectos sintáticos do dialeto caipira na região de Morrinhos**. Goiânia, 1985.
- ZILLER, Marialzira Cavalcanti. **Um estudo etnolingüístico de textos de rezas e benzeções colhidos em uma zona rural do município de Piracanjuba-Goiás**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1982 (Dissertação de Mestrado em Lingüística).